

ENSINO DE FILOSOFIA: RESISTÊNCIA E PERSEGUIÇÃO

Klébio José Feitosa Coelho¹

Cristiano Dias da Silva²

RESUMO

Desde que a filosofia é vista como disciplina e, que se poderá ensinar através da sua dialética – lembramos Sócrates e o seu método -, e que ela se mostrou como parte fundamental da capacidade de interação do indivíduo na Polis, a filosofia sofrerá ataques de todas as partes. Em um primeiro momento este artigo terá como objetivo fazer uma abordagem histórica e relatar como se sucederam esses ataques e, de outro modo, a situação de alguns pensadores e o que lhes passara justamente por praticar a arte de pensar. Entre esses pensadores, estarão Boécio, Sócrates, Epicteto, entre outros. Em outro momento se falará da especificidade da Filosofia e a importância do seu ensino. De como ela poderá ser essencial para a formação de jovens e daqueles que amam o conhecimento. Por isso, enfatizamos a importância de instigar as pessoas a entenderem a relevância do ensino de filosofia.

Palavras-Chave: Filosofia. Ensino. Perseguição.

TEACHING PHILOSOPHY: RESISTANCE AND PERSECUTION

ABSTRACT

Since philosophy is seen as a discipline and can be taught through its dialectics - we remember Socrates and his method - and since it has shown itself to be a fundamental part of the individual's ability to interact in the Polis, philosophy will suffer attacks from all sides. the parts. Initially, this article will aim to take a historical approach and report how these attacks occurred and, in another way, the situation of some thinkers and what happened to them precisely because they practiced the art of thinking. Among these thinkers will be Boethius, Socrates, Epictetus, among others. At another time we will talk about the specificity of Philosophy and the importance of its teaching. How it can be essential for the training of young people and those who love knowledge. Therefore, we emphasize the importance of encouraging people to understand the relevance of teaching philosophy.

KEYWORDS: Philosophy. Teaching. Persecution

Abordagem histórica

Desde que a filosofia aparece de forma sistemática na formação do homem, em parte como conhecimento adquirido, ou em reminiscências passadas, ou em forma

¹ Licenciado em Filosofia pelo ISES (Instituto Superior de Educação de Sagueiro). Mestrando em Filosofia pelo PROF-FILO núcleo - IFsertãoPE Zona Rural. kjcoelho2020@gmail.com

² Doutor em Letras pela UERN. Docente Permanente do PROF-FILO IFsertãoPE.

de método (*metodos-caminho*), ela vem sofrendo investidas negativas de muitas partes. Nosso intuito é percorrer a vida de alguns personagens históricos que se destacaram por sua dedicação à filosofia. Seria inviável falar de todos aqueles que foram impedidos de ensinar filosofia. Ou de todos que foram mortos por se dedicarem a essa arte. Mas, tentaremos selecionar alguns que ficaram famosos em sua época. Navegaremos por vários períodos, indo e vindo no tempo. Mas já pensando na filosofia, ao que parece, é um ataque proposital.

Diante desse ataque oficial que a filosofia está sofrendo, pois ameaça desanimar diversos profissionais que trabalham com a filosofia no Ensino Médio, resta-nos a consciência da defesa das tropas da razão e a tranquilidade de que o trabalho dos filósofos está protegido por essa barreira impenetrável, que é a vida de cada pessoa que se dedica ao filosofar (DA SILVA, 2017, p. 15).

Com certeza um filósofo que fez parte dessa “tropa da razão”, por ter sido ameaçado e condenado por sua prática, como escrito por Da Silva (2017), foi Boécio. No relato da sua “consolação”, ele dizia: “No entanto, mãos violentas rasgaram sua veste e cada uma tomou um pedaço dela” (BOÉCIO, 1998, p. 04). Sabemos que Boécio é condenado mais por seu posicionamento político, que filosófico. Mas, na visão desse filósofo, o fato de tê-lo prendido e de se terem criado acusações falsas, já seria uma afronta a atuação dele como pensador.

Em sua obra *A consolação da Filosofia*, ele retrata a filosofia como uma mulher, uma “dama”. Boécio sente dificuldade em ver na mulher a imagem da filosofia, mas quando ele se dirige a ela de forma mais atenta, reconhece sua antiga Nutriz. Nutriz que desde a infância frequentava a mente dele. E na oportunidade faz o seguinte questionamento: “É essa a recompensa que tenho por ter aderido a ti?” (BOÉCIO, 1998, p. 11). Essa inquietação perpassa os corpos daqueles que se dedicam à arte de pensar filosoficamente. Não é diferente em Boécio, e não será diferente com aqueles que se dedicam à filosofia. No prefácio de *A Consolação da Filosofia* assim percebemos:

Nessa tragédia complexa, onde se entrelaçam fios políticos e religiosos no pano de fundo de intrigas de corte, Boécio e Símaco, tanto para história quanto para a lenda, aparecem no papel de heróis. Inscrevem-se naturalmente num longo desfile de mártires da “liberdade romana”, vítimas da tirania: Cícero assassinado por Marco Antônio, Sêneca obrigado por Nero a suicidar-se e todas as altas figuras de senadores estoicos, celebrados por

Tácito, que foram martirizados por Tibério e Calígula (FUMAROLI, 1998, p. 20)

Fumaroli só deixa mais evidente o fato de que o filósofo sempre encontra em algum momento seu tirano. Boécio encontrou o dele. Mas já que falamos em Tibério, Calígula, voltemos um pouco no tempo.

Em 89 a.C., na gloriosa Roma, reinavam os imperadores flavianos³. Nesse período, se encontrava nessa cidade o filósofo estoico Epiteto (*epiktetos* - “comprado”, “adquirido”), e que teria sido expulso de lá por sua prática filosófica. Segundo Dinucci (2014), tanto os filósofos quanto os astrólogos teriam sido banidos simultaneamente pelo imperador Domício. As Causas do banimento não são claras, mas de acordo com Dinucci, Epiteto teria se tornado filósofo-orador nas ruas de Roma, imaginamos então que, possivelmente, alguns posicionamentos do orador tenham incomodado o Imperador.

Mas precisamos voltar 380 anos, ao ano 469 a.C., ano do nascimento de Sócrates, para entender de onde começa essa perseguição à filosofia e aos filósofos. A grandeza da filosofia e de Sócrates são inquestionáveis. Ela é enaltecida por Platão, seu discípulo, e será também por pensadores ao longo dos tempos. Qual seria a fonte dessa grandeza? Na *Paideia* encontramos a seguinte ideia:

Sócrates viveu numa época em que Atenas, via pela primeira vez, filósofos e estudos filosóficos. Ainda que não nos tivesse chegado a notícia referente às suas relações com Arquelaus, teríamos que supor que, como contemporâneo de Eurípedes e Péricles, estabeleceu contato, desde muito cedo, com a filosofia da natureza de Anaxágoras e Diógenes de Apolônia (JAEGER, 2020, p. 515).

Por qual motivo é imprescindível voltar no tempo? Não para lembrar do quanto Sócrates foi importante na construção do pensamento racional dialético, - pensamento esse, que viria a ser a própria característica da atuação filosófica ao longo dos tempos - Voltamos, mas para lembrar da trágica e imoral condenação desse filósofo. O ano era 399 a.C. Segundo Diógenes Laertius (2008), mesmo antes de sua condenação à morte, ele já tinha sido proibido pelos Trinta⁴ de ensinar a arte da palavra.

³ Os imperadores Flavianos governaram Roma entre 69 e 96. São eles: Vespasiano (69–79) e seus filhos Tito (79–81) e Domício (81–96). Após Galba e Otho, Vitélio tornou-se imperador, em 69. Entretanto algumas legiões estacionadas nas províncias declararam Vespasiano como imperador (DINUCCI, 2014, p. 154).

⁴ Período em que a Grécia foi governada por magistrados tirânicos.

Consequente foi também o primeiro a morrer em decorrência de uma condenação à pena capital, reforça Laertios.

Não precisamos retomar as causas da morte desse grande pensador. Queremos pontuar o fato de a filosofia desde os seus primórdios ser perseguida, calada e “morta” em determinados ambientes. Sócrates não será o último. O próprio Platão foi vendido como escravo pelo tirano de Siracusa, Dionísio. Esse acontecido foi relatado por Laertios da seguinte forma,

Ouvindo essas palavras o tirano enfureceu-se e de início teve vontade de eliminá-lo; em seguida intervieram Díon e Aristomenes e ele não realizou o seu intento, mas entregou o filósofo ao Lacedemônio Pôlis, recém chegado numa Embaixada com ordens para vendê-lo como escravo. Pôlis levou-o para a Ágina e lá o vendeu. Então o Carmandros, filho de Carmandrides condenou-o à morte de acordo com a lei vigente, na época, em Ágina, que empunha a pena capital sem processo a qualquer ateniense que pusesse os pés na ilha (...) Mas quando alguém alegou, gracejando, que o recém-chegado a ilha era um filósofo, o tribunal o libertou. Outros autores dizem que Platão foi levado à Assembleia e mantido sobre rigorosa vigilância, não tendo pronunciado uma palavra sequer a ponto de aceitar o veredito; a Assembleia não decretou a sua morte mas decidiu vendê-lo como se se tratasse de um prisioneiro de guerra (2008, p. 89).

Algumas questões são curiosas nesse relato. Por exemplo, Platão quase levava o mesmo fim do seu mestre. E outra questão é o gracejo da Assembleia diante de Platão por ele ser filósofo. Se riram do grande Arístocles o que deve esperar os futuros filósofos? E tudo isso por quê? Por Platão dizer a verdade a Dionísio? Laertios relata este acontecido da seguinte forma:

Entretanto, Platão conversando sobre a tirania, afirmou que seu direito de mais forte, era válido somente se Dionísios sobressaísse também em excelência, e o tirano sentiu-se ofendido e disse, dominado pela cólera: “tuas palavras são a de um velho caduco!”, Platão respondeu: “e as tuas são a de um tirano” (2008, p. 89).

Platão deveria ter agido daquela forma diante de um homem que ele considerava tirano? Foi sábia a atitude dele? Ou essa será a verdadeira função da filosofia? Não esgotaremos jamais essas questões. Segundo Laertios, depois desses acontecimentos, Platão volta para Atenas. E aqui aparece outro grande pensador, que receberá a marca de discípulo dele. O referido discípulo será Aristóteles de Estagira. Dante o definiu como o “mestre daqueles que sabem” (REALE, 1990, p. 172). Não é nossa intenção falar da vasta obra desse pensador. Mas uma questão é importante e vale a pena ser lembrada. É o fato dele ter sido convidado por Filipe da Macedônia para educar seu Filho Alexandre. E será justamente por conta dessa educação

filosófica que se iniciará mais uma perseguição à filosofia e ao filósofo. Geovanni Reale relata da seguinte forma esse acontecido:

Em 323 a.C., com a Morte de Alexandre, houve uma forte reação antimacedônia em Atenas, na qual Aristóteles foi envolvido, réu de ter sido mestre do grande soberano (...). Para fugir aos seus inimigos, retirou-se para Cálcis, onde possuía bens e imóveis maternos (...). Morreu em 322 a.C., depois de apenas poucos meses de exílio (1990, p. 175).

É possível que a expulsão tenha envolvido mais questões políticas, que filosóficas. Mas sabemos também, que para esse pensador, o viver na cidade, a atuação do *Politikos*, se confundiam com a própria construção do saber. Ou seja, ao mesmo tempo que ele é um animal social (*zoon politikon*), é também um animal racional. No fundo, não seria uma perseguição à pessoa do filósofo? Aristóteles foge para o exílio e morre por causas naturais. Sócrates preferiu morrer por seus ideais. Seria fraqueza a escolha de Aristóteles ou uma atitude sábia, para que não se cometesse a mesma injustiça acometida a Sócrates?

Dando um salto no tempo, não podemos esquecer de uma pensadora muito importante que vai surgir no final do século IV D.C., que é a Filósofa *Hipátia*. Neste final de período, o Egito era governado pelo Império Romano. A opinião pública era dividida pela influência da antiga cultura grega, da religião pagã egípcia e pelo cristianismo recentemente oficializado dentro do Império. Sobre Hipátia temos o seguinte relato:

O comportamento contestador e crítico da filósofa, considerado imoral e profano pelos líderes religiosos e políticos da cidade, põe em risco um acordo de paz prestes a ser selado entre cristãos e antigas lideranças locais, recém-convertidas ao cristianismo. A insubmissão aos novos valores e a oposição política custam a vida da filósofa (GALLO, 2018, p.141).

Uma mulher no século IV D.C., dando aulas de filosofia é uma coisa extraordinária, em outros locais isso seria impossível. Até aquele momento o Egito tinha uma postura mais sincretista, do ponto de vista religioso, e mais aberto ao conhecimento sobre as capacidades intelectuais de uma mulher. Isso durará por pouco tempo. Logo após o cristianismo ser imposto pelo imperado Teodódio II, a moralidade cristã será imposta a todos que faziam parte do império. Hipátia sofre as consequências disso e sua insubmissão lhe custará a vida.

O relato é mais um caso de perseguição à figura do filósofo. Neste caso, uma filósofa. Sem falar que não só a filósofa será morta por sua prática, mas a própria

biblioteca será destruída por conter material subversivo e pagão, contrários aos novos valores impostos pela religiosidade cristã (FLOWER, 2010). Desse período em diante a religiosidade cristã aparecerá em muitas outras situações, como um inquisidor voraz à procura de pensadores subversivos.

Os casos são inúmeros para serem relatados, são filósofos, filósofas, épocas diferentes, lugares diferentes em que a figura do filósofo sofrera e ainda sofrerá por se dedicar à arte da dialética. Em muitos momentos a figura do filósofo é associada a pessoas sob efeito de alucinógenos. As assembleias continuam rindo. Lembremo-nos de Platão.

Mas fugindo um pouco da esfera Macro. O que podemos pensar a filosofia no Brasil? Celso Favaretto numa entrevista com Marcelo Carvalho (2013), nos dá algumas informações. Ele irá nos mostrar um pouco da nossa realidade. Em 1961 com Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional a filosofia existia como disciplina, mas não era lecionada por profissionais da área. Ela terminava sendo ensinada como em 1920. Ou seja, ensinada por pedagogos, ou por outros profissionais, a exemplo, médicos, sacerdotes, engenheiros, delegado, juízes e até o sargento do tiro de guerra. Nos anos posteriores Favaretto apud Carvalho pontua:

Em 1971 foi promulgada pelo governo militar a lei 5.692, que mudou o sentido do curso secundário, que passou a ser profissionalizante, neste momento a filosofia saiu (ela continuou na grade como uma disciplina optativa, só que não era recomendada). E saiu por duas razões: primeiro, porque se os cursos deveriam ser profissionalizantes, devia-se dar toda a ênfase às disciplinas que colaborassem para a profissionalização (...) A outra é a seguinte: segundo o que o regime militar pretendia como educação, a filosofia seria uma coisa não recomendável, porque estaria sendo exercida, no final da década de 1960, por pessoas que faziam da disciplina, digamos, um lugar de subversão, isto é, uma reflexão sobre o País que o regime não julgava realmente comprometida com a educação, mas apenas com a ideologização (CARVALHO, 2013, p. 27).

De modo algum essas justificativas serão plausíveis, mas ainda hoje são utilizadas. De um lado, há quem justifique sua retirada como componente curricular por não oferecer praticidade. Ela não seria algo útil para a formação do aluno, tendo em vista seu caráter puramente teórico e reflexivo. E de outro modo, há quem pense que a filosofia estragaria a mente dos alunos por seu viés ideológico. As tentativas de desvalorização são muitas. Favaretto (2013), nos lembra sobre a tentativa de mudar

as aulas de filosofia para “Educação moral e cívica”. Detalhe, não precisava ser formado em filosofia para ministrar as aulas. Bastaria ser reconhecido por suas qualidades morais. E o que aconteceu foi de fato sua retirada.

Após quase 40 anos, as disciplinas de filosofia e sociologia foram novamente incorporadas ao currículo do ensino médio, em junho de 2008, com a entrada em vigor da Lei nº 11.684. A medida tornou obrigatório o ensino das duas disciplinas nas três séries do ensino médio. Durando 10 anos a filosofia teve um pouco de “paz”. No entanto, no final de dezembro do ano de 2018, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), etapa do Ensino Médio, foi finalmente homologada. Essa nova proposição trouxe mudanças significativas na estrutura do Ensino Médio e no ensino de Filosofia em todo Brasil. Houve uma grande flexibilização do ensino de filosofia depois de implantada essa nova formulação, pois,

Com a homologação da Base Nacional Comum Curricular(BNCC), o ensino da Filosofia e dos demais componentes curriculares das Ciências Humanas correm o risco de esvaziamento a partir da flexibilização ofertada pelos Itinerários Formativos. Nessa nova estrutura proposta, os estudantes do Ensino Médio só terão acesso obrigatório à Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas na primeira série, depois, os saberes dessa Área só serão garantidos se houver a oferta do Itinerário Formativo que a contemple, e se os estudantes escolherem tal Itinerário Formativo, ou então, se os Estados garantirem outros arranjos (FRAU; SILVA; ARAUJO, 2021, p. 5).

Como vimos anteriormente, desde os 1960, estamos tentando mostrar qual é o lugar da filosofia na formação dos alunos. Quando lemos a BNCC, vemos que ela tem o lugar dela junto às outras disciplinas. No entanto, parece uma presença *non grata*. E já temos um novo Projeto de Lei, o 2.601/2023, que prevê alterações na Lei de Diretrizes e Bases da educação novamente. Entre as disciplinas previstas estão Língua Materna (para populações indígenas), Artes, Educação Física, Filosofia e Sociologia. Novamente vem a discussão de como a filosofia deve ser trabalhada no Ensino Médio. Mas tirando todas essas discussões, vamos focar um pouco no sentido mesmo da palavra filosofia.

A especificidade da Filosofia

Falamos anteriormente sobre a filosofia não ser aceita em determinados momentos, por não se enquadrar a uma educação tecno-profissionalizante. Essa

questão envolve outra bem mais séria que é a questão do trabalho filosófico. Sabemos que a filosofia deve se dirigir às pessoas. Mas ela não aparece sem mais nem menos como se fosse objeto de gosto ou necessidade. A necessidade precisa ser gerada. Uma necessidade quem venha da curiosidade. O ensino da filosofia então, não se resumiria a uma didática instrumental. Não seria só pedagógico. É o que Pedro Gontijo (2013), chama de “*relação de transversalidade*”. Essa transversalidade poderia ajudar os estudantes a problematizar, conceituar e argumentar qualificadamente.

O aprender filosofia não é uma tarefa fácil. Ao que parece é algo solitário e doloroso. Silvio Gallo na sua obra metodologia do ensino de filosofia cita Nietzsche quando este, dizia que a filosofia é a vida voluntária no gelo e nos cumes. Ele reforça essa ideia da seguinte forma,

Nesse contexto, devemos perguntar: a filosofia, esse exercício de solidão, é ensinável? É aprendível? É transmissível, feito um vírus, que passa de um indivíduo a outro, ou mesmo de um indivíduo a muitos outros? Ou devemos resignar a admitir que a filosofia não se transmite, não se ensina, não se aprende? (GALLO, 2012, p. 19).

Quando a gente pensa no âmbito escolar, a princípio, a filosofia, deveria aprofundar e ampliar os conceitos nos jovens, fazendo com que estes fossem estimulados pela leitura e aumentassem seus níveis de compreensão por perceber o que estaria por trás de cada contexto. Não seria esse o papel do “ensinar filosofia”? A BNCC acentua isso da seguinte forma:

No Ensino Médio, com a incorporação da Filosofia e da Sociologia, a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas propõe o aprofundamento e a ampliação da base conceitual e dos modos de construção da argumentação e sistematização do raciocínio, operacionalizados com base em procedimentos analíticos e interpretativos. Nessa etapa, como os estudantes e suas experiências como jovens cidadãos representam o foco do aprendizado, deve-se estimular uma leitura de mundo sustentada em uma visão crítica e contextualizada da realidade, no domínio conceitual e na elaboração e aplicação de interpretações sobre as relações, os processos e as múltiplas dimensões da existência humana (BRASIL, 2017, p. 472).

No entanto, diante de toda essa problemática, que envolve a desvalorização filosófica, cabe refletir qual seria a utilidade da filosofia diante de todas as alterações que ela vem sofrendo, inclusive no momento atual, onde vemos insistentemente as políticas públicas sendo feitas com desejo de derrubar as áreas humanas.

Parece necessário perguntar se há necessidade ou não da filosofia, qual a sua importância para a vida humana e se ainda precisa dessa disciplina como "obrigatória" na grade curricular do novo ensino médio. Para essas e tantas outras questões levantadas, vale citar o pensamento de Braga, quando este, justificando que, em um mundo marcado pelo cientificismo, precisa-se da filosofia:

Bertrand Russell, eminente filósofo britânico, quando perguntado se a ciência era suficiente para a conclusão de uma boa vida, respondeu de forma afirmativa. Curiosa situação em que um filósofo advoga sobre a não necessidade da filosofia. Isso, em parte, reflete o contexto da época, quando algumas correntes de pensamento argumentavam que a filosofia havia sido superada diante dos avanços da metodologia e dos produtos científicos (2020, p. 133).

Dessa forma, a filosofia se distancia da concepção científica que por sua natureza é metodológica e experimental. A atitude filosófica, então, vai se afastar da concepção de que ela tenha que ser algo útil, prático, complicado ou de especialistas.

Essa atitude de filosofar é tão importante ser ressaltada que, mesmo em meio a desvalorização da filosofia - e também de todas as áreas humanas - surge a disciplina projeto de vida que vem com uma proposta de resgatar no ser humano as reflexões essenciais para o seu dinamismo existencial.

O projeto de vida na BNCC, o protagonismo e a autoria estimulados no Ensino Fundamental traduzem-se, no Ensino Médio, como suporte para a construção e viabilização do projeto de vida dos estudantes, eixo central em torno do qual a escola pode organizar suas práticas. Ao se orientar para a construção do projeto de vida, a escola que acolhe as juventudes assume o compromisso com a formação integral dos estudantes, uma vez que promove seu desenvolvimento pessoal e social, por meio da consolidação e construção de conhecimentos, representações e valores que incidirão sobre seus processos de tomada de decisão ao longo da vida. Dessa maneira, o projeto de vida é o que os estudantes almejam, projetam e redefinem para si ao longo de sua trajetória, uma construção que acompanha-o (BRASIL, 2017, p. 472).

Esse desenvolvimento pessoal e integral citado acima é justamente a parte essencial desse estudo. O jovem, entendido como protagonista, como sujeito ativo, precisa de um embasamento filosófico. Não é fácil se entender como sujeito ativo de suas escolhas, e ainda mais, como responsável dessas mesmas escolhas.

Como fazer com que o ensino de filosofia seja esse leite nutritivo do qual não conseguiríamos viver se não o bebêssemos? Não é uma questão fácil. Tem a ver só com a técnica empregada. Com o método aplicado. Os grandes pensadores

abordados aqui por si só já servem de exemplo por sua técnica. Todos eles foram bons quanto a isso. Caso contrário, não estaríamos aqui escrevendo sobre eles. Pensamos que talvez a filosofia seja o que ele é em si mesma, sem mais, nem menos, nem grandes definições, grandes sistemas. Ela é própria na natureza humana. E por sermos humanos, ele de alguma forma existirá em nós. A Filosofia nos abre para o conhecimento, e ao mesmo tempo nos cobra isso. “E no entanto, tínhamos te fornecido todas as armas necessárias para venceres, perdeste-as por tua culpa, e com elas vencerias!” (BOÉCIO, 1998, p. 7).

O Ensino de filosofia deve protagonizar o jovem em sua jornada formativa. Os mestres de filosofia devem entender esse processo. Mesmo encontrando dificuldades, prisões, cancelamento e até a morte. Tiranos querendo destruí-la sempre teremos, como diz Da Silva em seu artigo,

Na ganância de destruir a filosofia agarram-se aos “farrapos” ao conhecimento fragmentado demais, pois necessitam apenas de conhecimentos parciais, momentâneos e tendenciosos, enganando a si mesmos acham que podem desprezar a filosofia (2017, p. 14).

Aos que querem destituir a filosofia de seu posto, que rasgam as vestes dessa bela dama, não entenderam que sempre se agarram a “farrapos”. Não entendem que mesmo diante de todas essas batalhas travadas, e que parecem ser perdidas, ela sempre renasce em cada época, dentro de cada pessoa. Desçamos a montanha.

Considerações Finais

Ao término desse trabalho, pudemos perceber que talvez, desde que a filosofia ganha o nome de “filosofia” (amor ao saber), ela vem sofrendo uma profunda perseguição. Grandes personagens foram debochados por sua atuação como filósofos. Outros foram mortos por seus posicionamentos. Nosso intuito era mostrar algumas situações históricas relevantes e, a partir disso, pensar duas questões. Primeiro, por qual motivo a filosofia é essa disciplina *non grata*? A segunda e não menos importante, por que defender a filosofia a ponto de colocá-la a serviço da formação das pessoas? Certamente as respostas não foram esgotadas nessa pequena pesquisa e talvez nunca serão. Mas se temos que responder, e claro, na condição de educadores, de professores de filosofia, temos que no mínimo dar uma satisfação aos que nos questionam sobre isso.

Tatos outros filósofos que poderiam entrar como referências. Pensadores que deram sua vida pelas “ideias”. Certamente no Brasil muitos fizeram isso. Lembremos de tantos que foram silenciados, perseguidos, mortos. Tudo isso, por serem “amantes do saber”. Vimos que desde a década de 60 que o Brasil tenta ajustar a filosofia dentro da grade curricular. Hora sai, hora entra. E estamos nós aqui ainda refletindo sobre isso. É uma pesquisa *pro réu*, no sentido que a filosofia é sempre culpada de alguma coisa. Aliás, muitos foram acusados e condenados. Mas é sobretudo, um trabalho que pode nos ajudar a perceber o quanto é difícil ser filósofo. Temos que concordar com Nietzsche, é uma vida voluntária no gelo. Ou seja, é dolorosa.

Contudo, mesmo diante de todas essas adversidades, temos que sair do isolamento da montanha. Mesmo que dure 10 anos. A sociedade precisa dos filósofos para esse enfrentamento. Mesmo que ela não perceba isso. Eles são necessários. Russel dizia que a filosofia é a parte da vida humana em comunidade; é concepção de vida e de mundo.

REFERÊNCIAS

A Lei nº 11.684/08 altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio.

BOÉCIO. **A consolação da Filosofia**. Trad. Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DA SILVA, CRISTIANO D. **Boécio e os ataques à Filosofia**. Cadernos Cajuína, V. 2, N. 2, 2017, p. 12-17.

DINUCCI, A. (2014). **Apresentação e tradução da Diatribe 1.1.** de Epicteto. Archai, n. 13, jul - dez, p. 143-157.

FUMAROLI, MARC. **Prefácio**. In: BOÉCIO. **A consolação da Filosofia**. Trad. Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

JAEGER, Werner. **Paideia – a formação do homem grego**. Trad. Arthur M. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

LAERTIOS, Diógenes. **Vida e Doutrina dos filósofos ilustres**. Trad. Mário da Gama. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008, p. 52.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia (vol. I)**. 6. ed. São Paulo: Paulus, 1990.

CARVALHO, Marcelo. **A Filosofia e seu ensino - Entrevista com Celso Favaretto**. Organizadores: Marcelo Carvalho e Gabriele Cornelli. Vol. 2. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRAGA, Rômulo Vitor. **Filosofia e Sociologia**. 2. ed. Fortaleza: Companhia brasileira de educação e sistemas de ensino S.A. 2020. (coleção integrada)

GONTIJO, Pedro. **Didática para além da didática**. Organizadores: Marcelo Carvalho e Gabriele Cornelli. Vol. 2. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013, p. 49.

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia: Uma didática para o ensino médio**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

FLOWER, Derek Adie. **Biblioteca de Alexandria: As histórias da maior biblioteca da Antiguidade**. Trad: Nunes, Otacílio; Ponte; Valter. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

FRAU, Erica Cristina; SILVA, Paulo Rogério da; ARAUJO, Daniel José de. **Filosofia no Novo Ensino Médio: BNCC e os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Revista Digital de Ensino de Filosofia | Santa Maria | periodicos.ufsm.br/refilo | v.7 – 2021.